



10 ANOS DE ESCOLA DE ATIVISMO
100 ANOS DE PAULO FREIRE

**Dez
por
Cento**

**Romualdo
Dias**

Influências de
Paulo Freire em
NOSSAS trajetórias

Romualdo
Dias

Influências de Paulo Freire
em nossas trajetórias

Coleção Dez por Cento

Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada “DEZ POR CENTO” foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,
Maria Teresa de Arruda Campos,
Mário Campagnani, Silvio Munari.

Identidade visual

Isabella Alves

Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

Revisão

Arthur Dantas Rocha

Tiragem

500 exemplares

Editora

Pedro & João Editores

Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

Email

contato@eativismo.org

Copyright © Romualdo Dias

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Romualdo Dias

Influências de Paulo Freire em nossas trajetórias. Coleção Dez por Cento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 36p. 14,8 x 21 cm..

ISBN: 978-65-265-0103-0 [Impresso]
978-65-265-0132-0 [Digital]

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I. Título.

CDD – 370

Capa: Olivia Ferraz de Almeida

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil);
Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil);
Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil);
José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);
Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Em 2021 a Escola de Ativismo completou dez anos de vida.

Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis *lives*, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de *lives* nos permitiu pensar diferentemente sobre as relações entre educação e ativismo. Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.

Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo
refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piracema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo
militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado
estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras
definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos sitiar.

Mangue - porção de rio com água salobra
ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piracema

A Escola do fora, o fora da escola.

Para assistir
as lives do
DezporCento
acesse o
QRCode



<https://escoladeativismo.org.br/dez-por-cento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>

V

amos partir de duas questões disparadoras. A primeira consiste em tentar entender essa relação entre educação e política com nobreza, com elegância, porque muita gente implica com Paulo Freire quando vê esses dois campos inter-relacionados. A segunda questão é como a gente pode levar Paulo Freire para o cotidiano de uma escola. Deste modo podemos organizar um modo de fazer a educação com base no diálogo e na prática da liberdade. Então são perguntas que nós estamos formulando e hoje vamos conversar no sentido de produzir algum pensamento a partir delas.

Começemos explorando alguns pensamentos suscitados pela dedicatória de Paulo Freire escrita para o seu livro *Pedagogia do oprimido*. Assim ele se expressa em suas palavras:

“os esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”¹.

1 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 57ª edição, 2014.

Já no livro *Educação como prática da liberdade*, de 1965, Paulo Freire escreve assim:

“Este ensaio tentará um pouco da história, dos fundamentos e dos resultados deste empenho no Brasil. Empenho que custou a seu Autor, obviamente, o afastamento de suas atividades universitárias, prisão, exílio. Empenho de que não se arrepende e que lhe valeu também compreensão e apoio de estudantes, de intelectuais, de homens simples do povo, engajados todos eles no esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira. A estes, entre os quais muitos estão pagando na prisão e no exílio, pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar, oferece o Autor este ensaio”².

Usando as palavras do Paulo Freire, vamos forjar uma chave de leitura, um paradigma de interpretação para não perder o núcleo dessa relação entre educação e política, com nobreza. Porque, no caso da *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire está dizendo que o fato de alguém se comprometer com uma luta de transformação, não se coloca fora de sofrimento. Toda forma de resistência exige do sujeito fazer um esforço por se implicar. E ele termina com essa expressão: “pela valentia de amar”. Porque em toda a filosofia do Paulo Freire, esse princípio amoroso é nuclear, o princípio amoroso atravessa, ele é transversal.

Paulo Freire, ao encerrar o seu livro, *Pedagogia do oprimido*, ele se expressa com as seguintes palavras:

“Se nada ficar dessas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”³.

2 _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1967. Página 37.

3 _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 57ª edição, 2014. Página 253.

Para Paulo Freire, diálogo e liberdade estão combinados nessa valentia de amar. No mundo onde as pessoas se deixam capturar pelo ódio, quem aposta na valentia do amor corre muito risco.

Já na dedicatória da *Pedagogia do oprimido*, há uma composição de três verbos: *descobrir, sofrer e lutar*. Aqui temos uma chave de leitura que nos ajuda a compreender o núcleo da relação entre educação e política. Ao dedicar aos *esfarrapados do mundo*, Paulo Freire mostra sua clara opção pelos condenados da terra, pelos excluídos, pelos que estão sofrendo as consequências da opressão. O termo “*esfarrapados do mundo*” tem uma sonoridade muito parecida com o título do livro do Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*. Então, aos esfarrapados do mundo (aos condenados da terra) e aos que neles se descobrem (observem aí o emprego do verbo descobrir)...

Esta experiência de se descobrir com os esfarrapados consiste em um modo de fazer a leitura de mundo. Ao descobrir e descobrir-se assim, em relação com o outro em situação de opressão, cada uma realiza um grau de interpretação. Por meio deste esforço ocorre a produção de conhecimento coletivo, e toda essa dimensão do conhecimento é a dimensão política dessa tríade.

Em segundo lugar, observamos nas palavras de Paulo Freire o uso do verbo *sofrer*. Neste uso identificamos a dimensão ética. Por quê? Porque é na dimensão ética que cada sujeito se relaciona com a própria incompletude. Não tocar na sua incompletude, na descoberta da própria precariedade, impede de se lançar no movimento de ser mais, naquilo que o Paulo Freire falava de uma vocação ontológica. O fato de cada sujeito poder tomar consciência de que o seu modo de existir está marcado por uma condição de precariedade, isto lhe confere melhores chances de não se submeter a uma vida medíocre.



O sujeito quer mais, quer ultrapassar em suas práticas de transcendência.

O ponto de partida da dimensão ética é o sofrimento. Nós vamos ao encontro do outro não é por obediência a uma palavra de ordem; e sim porque precisamos do outro. Faz parte da descoberta da própria incompletude e cada sujeito pode dizer para si mesmo: “eu preciso do outro!” Essa condição para reconhecer a fragilidade da vida confere a cada indivíduo a disposição de se encontrar com outro na fragilidade dele, na sua modalidade de sofrimento.

Mas não é para ficar parado no lugar de sofrimento como uma espécie de um gozo, numa condição de vítima. Aí o Paulo Freire acrescenta o terceiro verbo: *lutar*. Se o verbo descobrir nos permite afirmar a dimensão política, se o verbo sofrer nos joga na dimensão ética, aqui, então, na luta, alcançamos a dimensão estética. Estamos presentes no mundo, e é por meio de nossa posição no mundo que nós compomos, em relações com o outro, a nossa obra.

No verbo *descobrir* está a dimensão política, no verbo *sofrer* está a dimensão ética, o verbo *lutar* está a disposição de partir para a ação de transformar o mundo, que se expressa como sendo a dimensão estética. Paulo Freire falava muito da boniteza, da beleza. Paulo Freire concebia a política como sendo uma prática de beleza: é estar no mundo fazendo uma obra de arte.

Nós tivemos a oportunidade de conviver com Paulo Freire no Instituto Cajamar⁴. Ele insistia muito numa espécie de lamentação, ele falava mais ou menos assim: “*eu fico muito chateado quando as pessoas reduzem meu trabalho a um método de alfabetização, a minha pretensão é muito maior. A minha pretensão é poder oferecer uma filosofia de educação*”.

Mas aí Paulo Freire saiu a campo e descobriu que a apropriação da palavra é uma condição política de estar no mundo e fazer história, é um esforço de alfabetização. Para Paulo Freire, aprender a ler e aprender a escrever são dispositivos de mediação em dois sentidos. É mediação porque está no meio. Está no meio de que? Está no meio, no entre, está no entremeio, está nesse espaço estabelecido entre EU e o OUTRO. Aí Paulo Freire formula o conceito de diálogo⁵: *logos dia*, palavra através, é nesse encontro com o outro. O núcleo de encontro com o outro é o diálogo. Isso ajuda a entender porque ele propõe uma educação dialógica: é a palavra que está no entremeio.

O ato de ler e escrever é um dispositivo de mediação primeiro na relação de cada sujeito com o outro, este seu semelhante, (um EU e um OUTRO), a alteridade com que ele se encontra. Há também uma segunda mediação, está no meio da relação entre o sujeito e o mundo (um EU e um MUNDO). E nessa relação entre sujeito e mundo, o núcleo da questão política é a liberdade: é no mundo que a gente realiza liberdade.

⁴ Instituto Cajamar foi um centro destinado à formação social e política que funcionou regularmente entre 1986 e 1997. Situado na cidade de Cajamar, cerca de 50 km da capital paulista.

⁵ Formada pelo prefixo *dia* que significa “por intermédio de”, e *logos*, que significa “palavra”. Ou seja, “por meio da palavra”.

Desse modo, Paulo Freire propõe uma educação como prática da liberdade. E há outra abordagem também dupla dessa expressão *dispositivo de mediação*. A leitura e a escrita permitem ao sujeito romper com uma simbiose com o mundo. Em outras palavras, romper um tipo de “embolamento”, romper o envolvimento. Se o sujeito está totalmente envolvido com o mundo ele não pode tomar distância para *ad-mirar*⁶ o mundo, como Paulo Freire sempre falava: admirar o mundo.

Essa simbiose, esse “embolamento” é a condição da eficácia da ideologia. A ideologia é eficaz porque ela aposta nesse “embolamento”, ela produz o sujeito confuso, o sujeito tonto, o sujeito totalmente mergulhado no mundo, “embolado no mundo”, nesse sentido de envolvido. Então, para desfazer tamanha simbiose, para desfazer o envolvimento é preciso colocar o prefixo *des* na frente da palavra envolvimento: *des_envolver*. Desenvolver é a condição do sujeito tomar posição na história. Quando ele se desenvolve do mundo, pode tomar distância, pode admirar, interpretar, se perceber em situação para entender a partir de onde ele vai começar uma ação de transformação. Então, primeiro há esse aspecto da simbiose, do envolvimento, e segundo, há o esforço para desfazer o envolvimento, trata-se de uma luta pelo desenvolvimento.

A segunda questão é: o dispositivo de mediação produz *dis-posições*. Vamos enfatizar este sentido de “disposições”. Então o sujeito está disposto para luta. É

6 Do latim, *ad*: “a, para”; *mirare*: “olhar, espantar-se”.

possível aplicar na escola porque, infelizmente, a escola desenvolve no sujeito a habilidade da leitura e habilidades da escrita como uma obrigação de currículo, e muitas pessoas aprendem a escrever e aprendem a ler, mas não estendem esta prática para o resto da vida. A prática da leitura e da escrita deveria ser uma habilidade tão apaixonante que ela não poderia ficar limitada ao tempo da permanência na escola. Essa prática deveria nos acompanhar a vida inteira porque é condição de mediação, é condição de distanciamento, e muitos professores não conseguem passar para os alunos uma paixão pela leitura, uma paixão pela escrita. Infelizmente não conseguem passar.

Aqui podemos recordar um episódio, relatado no livro *Medo e ousadia*, todo ele redigido na forma de uma entrevista de Paulo Freire concedida ao professor Ira Shor, um estadunidense⁷. Ele conta que ouviu o Lula dizer que não era uma pessoa de muita leitura. Ao final da entrevista, ainda no estúdio, Paulo Freire diz pro Lula: “você não pode falar isso porque você é o melhor leitor da realidade do Brasil, enquanto leitor da realidade brasileira você é o número um, você sabe ler a realidade do Brasil. Pode dizer que você ainda não é um leitor de livros”. Veja que o Paulo Freire disse “ainda não é”.

Voltamos ao exercício da releitura do livro *Medo e ousadia*, no período em que o Lula estava preso em Curitiba. No contato com as palavras aqui mencionadas, nós nos permitimos conceber que Paulo Freire estava profetizando porque o Lula conta que naquele período que ele ficou preso em Curitiba, ele leu uma quantidade enorme de livros. Parece que o Paulo Freire estava prevendo isso, que bonito. É nesse sentido aí!

7 FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Paz e Terra, 1986.

SILVIO MUNARI

Você tocou na relação do sujeito com o mundo e falou em liberdade. O professor Warner Reis Júnior trouxe uma questão: “o sofrer tem a ver com a superação da consciência hospedeira?”

ROMUALDO DIAS

Ótima pergunta. Tem tudo a ver...

Quando o Paulo Freire estava escrevendo *Pedagogia do oprimido*, ele estava no Chile, estava lendo Frantz Fanon⁸ e Albert Memmi⁹. Esses dois autores ajudaram Paulo Freire a aprofundar uma compreensão sobre o sistema colonial, este período de 500 anos de colonização que produziram em nós formas de autoritarismos, mandonismos. Estes 500 anos de colonização fizeram cada um de nós, enquanto vítimas da opressão, colocar para dentro de cada um de nós o coronel. Esse coronel em nós, que convive dentro da gente, faz um estrago violento na vida: é ele quem coloca o medo na hora da luta pela liberdade. Então o sofrer tem a ver com a superação sim da consciência hospedeira porque tem que fazer primeiro esse trabalho de arqueologia no subsolo do sistema colonial para poder expulsar esse coronel de dentro da gente e, expulsando-o, romper com essa identificação que o oprimido tem com o opressor. E o Paulo Freire explorou essa identificação do oprimido com o opressor na leitura do livro do Albert Memmi, *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*¹⁰. Mas por que causa sofrimento essa superação da consciência hospedeira?

8 Frantz Fanon foi um psiquiatra e filósofo político natural das Antilhas francesas da colônia francesa da Martinica. Suas obras tornaram-se influentes nos campos dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo.

9 Albert Memmi foi um escritor e ensaísta francês nascido na Tunísia.

Porque tem a ver com a tomada da consciência, tem a ver com a passagem pela modernidade aqui compreendida como uma experiência de choque, de ruptura, onde o sujeito leva um tombo, cai do colo da mãe e deixa de viver no mundo buscando “tetas”. E se cada sujeito puder parar de buscar teta na igreja, parar de buscar teta na ciência, parar de buscar teta no partido, parar de buscar teta no sindicato, então que esse tombo, essa queda, quando o sujeito toma consciência que modernidade é ruptura, pois nascemos e somos seres da finitude. E isso dói, isso dói muito.

Paulo Freire tem uma filiação no cristianismo. Então, quando ele está falando sobre a ruptura com o opressor é porque ela tem uma dimensão de dor, ela é violenta porque consiste em superar a tutela, é cair na real de que ninguém pode viver tutelado. Essa consciência de romper com a tutela, essa consciência de sofrimento percebida assim, o sofrer como superação dessa consciência, isso é tão antigo..., faz parte de uma sabedoria milenar, pois está na Bíblia, no livro do Eclesiastes, no Antigo Testamento, em uma passagem assim registrada:

“Muita sabedoria, muito desgosto, aumentando o saber, aumenta-se o sofrer.” (Eclesiastes, 1, 18).

Vejam isso: *todo saber acarreta em sofrer*. Quanto mais sabe, mais sofre. Esta passagem da sabedoria popular está dizendo o seguinte: o aprender e o estudar têm o bônus da gente aumentar o nível da compreensão sobre o momento presente, tem relação com o fato de ganhar um grau maior de esclarecimento a respeito de nossa presença no mundo, tanto em suas determinações quanto em seus horizontes de realização. Trata-se de uma conquista

no esforço de compreensão da história. Agrega-se a esta nossa experiência também um ônus, porque é cair na real de que a gente é o ser da finitude. Ou aquilo que também já está escrito num “tratado de filosofia popular” chamado “*Tocando em frente*”, faz parte de nosso gosto. Nós temos nas palavras de dois “filósofos brasileiros”, Almir Sater e Renato Teixeira, esse “tratado de filosofia popular”, redigido em forma de música e que diz assim:

*“Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco eu sei
Ou nada sei”.*



Sabem por que experimentamos esse sofrimento? Quanto mais a gente estuda, mais a gente é jogado para a humildade, porque a gente descobre a imensidão de nosso não saber. Nesta experiência entramos em contato com o mistério enorme das coisas do mundo de que a gente não sabe nada, um nada da abertura para uma enorme busca sem fim. E descobrir essas coisas é motivo de muito sofrimento.

Desta forma, compreendemos que quem lê a obra de Paulo Freire e a entende minimamente, descobre que estudar é uma luta e uma luta árdua. Estudar é uma militância política porque estudar é um trabalho solitário, é uma briga com os livros, é uma luta para entender um texto. E essa militância política não é ruidosa, não é “espetaculosa”, não é barulhenta; ela demanda uma disciplina muito rigorosa de o

sujeito conseguir ficar numa biblioteca concentrado, ler, brigar com os livros e formular o seu conceito sem ficar colando no autor. É dar um salto com as próprias pernas, é saltar o próprio voo. Esse próprio voo significa ter coragem de correr risco, ter coragem de caminhar com os seus recursos, ter coragem de entrar no estágio de maioria, romper com tutelas. Daí, então, passarmos por todo este sofrimento.

SILVIO MUNARI

A Escola de Ativismo se preocupa com a resistência, aprendizagem e invenção. Veja esse trecho de uma palestra do Paulo Freire transcrita no livro *Trabalho de base*¹¹, do Ranulfo Peloso. Em 1983, Paulo Freire disse o seguinte:

“Tenho evitado escrever algo que não tenha feito. Nem cartas sei fazer se não tiver algo importante para conversar. Meus livros são sempre relatórios, embora relatórios teóricos feitos a partir da prática. Quem pretende trabalhar com esses relatórios deve estar disposto a recriar o que fiz, a refazer e não só copiar, a reinventar coisas”.

Esse trecho me faz pensar nessa dimensão teórico-prática e numa dimensão estética que aparece no pensamento do Paulo Freire, mas também na vida dele. Como você teve intensa convivência com ele, poderia comentar um pouco esse trecho e essas dimensões?

11 PELOSO, Ranulfo (org). Trabalho de base (seleção de roteiros organizados pelo CEPIS). Expressão Popular, 2007.

ROMUALDO DIAS

Quando o Paulo Freire fala que os textos dele são relatórios teóricos, é porque ele nunca perdeu de vista o vínculo com a prática, com o fazer, ele nunca perdeu de vista o vínculo com a luta de transformação. Se a gente pegar o percurso do Paulo Freire antes dele chegar no *Pedagogia do oprimido*¹², ele já estava vivendo experiências pequenas e muito singelas no bairro Casa Amarela, em Recife, Pernambuco.

A Anita, viúva do Paulo Freire, nos contou certa vez que ele ficava muito incomodado com algumas lideranças sindicais que estavam chegando de um período de formação depois de serem enviados para a Rússia (até diziam, em tom de brincadeira, que Jaboatão dos Guararapes era uma miniatura da Rússia porque tinha muita liderança vinda desta formação realizada na então União Soviética). Depois de ter passado quatro anos estudando russo e estudando o materialismo dialético, chegavam no Recife querendo falar para as pessoas através da militância no Partido Comunista, querendo falar para as pessoas como que a luta deveria ser feita.

Paulo Freire não aceitava isso porque entendia nestes gestos como sendo a imposição de um dogma político. Ele queria trabalhar a partir da experiência de cada um e cada uma, por acreditar que a luta não tem um roteiro predefinido, não tem fórmula que se aplique à luta. Então ele conta da experiência dele lá no bairro Casa Amarela.

Em 1959 ele escreve *Educação e atualidade brasileira*¹³, que foi uma tese dele. Depois de 1963 ele escreve um artigo “Conscientização e alfabetização – uma nova visão do processo”¹⁴, ele já estava envolvido

12 Livro escrito durante o período de exílio no Chile.

13 FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez Editora / Instituto Paulo Freire, 2001.

14 FREIRE, Paulo. “Conscientização e alfabetização – uma nova visão do processo”. In.: Recife: Revista de Cultura da Universidade do Recife, No. 4, Abril – Junho 1963. Pág.: 05.

com experiências com grupos populares no campo e na periferia de Recife. Ele trabalhava com lideranças religiosas de uma paróquia da Igreja Católica em Poço da Panela, bairro na cidade do Recife, na tentativa de fazer alfabetização com esses grupos da periferia.

Só após essa experiência ele realizará a etapa de alfabetização na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte. Em 1956, ele vai escrever *Educação como prática da liberdade*. Em 1964, ele vai exilado para o Chile. Em 1967, antes de publicar *Pedagogia do oprimido*, ele dava palestras e escreveu um artigo com o título “O Papel da educação na humanização”. Há neste artigo um resumo do livro *Pedagogia do oprimido*, ele dava o livro por concluído no terceiro capítulo¹⁵. Ouvindo alguns amigos que acompanharam sua escrita, Paulo Freire escreve mais um capítulo¹⁶. É sempre uma escrita vinculada a uma prática.

E há outro aspecto que você me fez pensar, Sílvio: lá no Instituto Cajamar, quando a gente fazia os seminários com ele, era sempre uma roda onde cada um contava os trabalhos que estava realizando na base, nos bairros, na militância político-partidária, na igreja. E Paulo Freire nos escutava atentamente e ia provocando o nosso pensamento a partir daquilo que ele escutava. Neste momento de combinação entre a escuta e a sua fala, ele se mostrava como sendo mais um artista da educação. Ele era muito criativo, era muito inventivo, não falava coisas com a pretensão de ficar fazendo cabeça, ficar doutrinando, ele falava com o propósito de nos instigar a pensar junto com ele e nisso ele era habilidoso. Ele tinha esta

15 A palestra está registrada no artigo “Papel da educação na humanização”, publicado pela Revista Paz e Terra, Ano IV, No. 9, Outubro, 1969. Página 123.

16 1 - Justificativa da Pedagogia do oprimido; 2 - A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica; 3 – A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade 4 – A teoria da ação antidialógica.

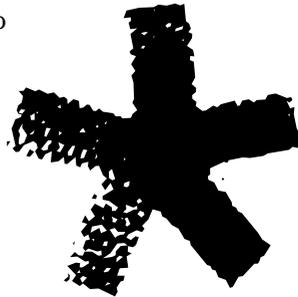
habilidade no uso da palavra que é fazendo jogos de palavras em que ele ia pegando aquilo que a gente levava dos relatos da prática e ia problematizando a nossa prática. Deste modo, ele ia provocando a pensar junto com ele. É essa dimensão de criação, era um pensamento em movimento. Não era um discurso sobre o movimento. Era se permitir essa experiência do exercício de um pensamento que aceita entrar em movimento. Não tem território fixo, um modo de pensar se reinventando. Então tem tudo a ver com esses três temas: aprendizagem, resistência e invenção.

SILVIO MUNARI

A Escola de Ativismo vem tentando fazer um trabalho com os coletivos, com os movimentos, com as comunidades. A gente não quer fazer para eles, mas com eles. É estar nas realidades e construir junto com a turma. E me parece, Romualdo, que os temas geradores estão falando um pouco dessa valorização da relação com a realidade.

ROMUALDO DIAS

O Paulo Freire nos ensinava assim: antes de começar alfabetização é preciso fazer uma pesquisa no território para identificar as palavras que mais permitem ao sujeito aprender a ler e escrever, de um modo a se conectar com a vida. Então ele fazia uma crítica àquelas cartilhas que colocavam o aprendizado da leitura e da escrita usando palavras e expressões que não tinham nada a



ver com a vida do sujeito. Paulo Freire é ao mesmo tempo de uma grande complexidade e de uma grande simplicidade. Isso é muito simples: um pedreiro vai aprender a ler com a palavra tijolo muito mais fácil do que com a frase “Eva viu a uva”.

Ele tinha uma clareza de que qualquer educação tem que estar conectada com a realidade. Porque é um sujeito que vai tomando consciência de que ele é um ser presente na história, em situação, sabendo que aquilo que ele é hoje tem a ver com uma história que o antecedeu, que fez a gente ser do modo como é, que tem nos produzido de tal forma. Mas essa produção de nós mesmos na história não é um aprisionamento, porque na hora que a gente toma consciência de que esse sofrimento que a gente está experimentando com qualquer forma de opressão, na hora que a gente toma consciência de que isso foi produzido na história, a gente descobre também que é só na história que podemos encontrar soluções para resolver o sofrimento.

Neste esforço árduo o sujeito toma consciência de que ele está na história, que a opressão é o resultado de uma dinâmica de poder que causa sofrimento e que pode ser superada. Quando o Paulo Freire tem essa consciência de que o sujeito precisa se perceber em situação, e perceber que uma dada situação não é aprisionamento, não é determinação, são indícios de que ele estava lendo *A sagrada família*¹⁷, um texto onde o Marx se expressa assim:

“Pouco importa o que este ou aquele proletário, ou até todo o proletariado, imagina momentaneamente como finalidade.

17 MARX, Karl. La Sainte famille ou critique de la critique. Contre Bruno Bauer et consortes, 1845. Oeuvres III, Philosophie, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1982, p. 460.

Só importa aquilo que ele é e o que ele será historicamente obrigado a fazer em conformidade com esse ser.”

Trata-se do operário tomar consciência do que a história fez com ele, olhar para essa história que o produziu. Se o indivíduo não pode apropriar-se de sua história ele corre sérios riscos de cometer ingenuidades. Então, é pegar a própria história na mão e perguntar: daqui pra frente, o que eu posso fazer com isso que fizeram de mim? Assim, o sujeito vai abrir um horizonte para a vida, para o exercício da liberdade. Isso é uma leitura do Marx, está lá n’A *sagrada família*. É essa passagem aí, para o sujeito se perceber em situação é preciso ter primeiro essa percepção que o permite pegar a própria vida na mão e se perguntar para si mesmo: o que fazer daqui para frente? Está situado aí um primeiro passo para favorecer o acontecimento da invenção de si no mundo.

Quando vocês optam pela linha da invenção, estão optando por esse caminho.

SILVIO MUNARI

Fiquei pensando nesse trabalho do humano sobre si mesmo, esse trabalho de lutar contra a opressão, mas também de inventar, inventar formas de luta, inventar e reinventar a si mesmo, isso está ligado na dimensão da cultura?

Um desafio contemporâneo talvez seja justamente pensar essa divisão muito extrema entre natureza e cultura. O contato com quilombolas, ribeirinhos, indígenas, essa gente que no seu modo de vida dilui a distinção natureza e cultura. Eles nos ensinam a pensar natureza e cultura se misturando, se produzindo constantemente. Essa é uma inquietação e uma provocação para você falar dos Círculos de Cultura.

ROMUALDO DIAS

Sua inquietação expressa uma percepção muito aguda. Isso é um disparador. Essa percepção é disparadora de invenção. Por quê?

Vamos lembrar o seguinte: colocar dessa forma a diferença entre natureza e cultura, lado a lado, é mais o recurso didático de escrita. Apresentamos aqui um exemplo bem simples. Paulo Freire se expressava assim lá no Círculo de Cultura: o sujeito descobre que a pena que está num passarinho é natureza, mas a pena que está no ornamento que o indígena fabricou para enfeitar a própria cabeça, aquela pena já não é mais natureza, aquela pena é cultura, é arte, é invenção. Isso no Círculo de Cultura está claro, o sujeito vai percebendo essa distinção entre natureza e cultura, é uma distinção para permitir que ele possa enxergar que tudo é história, é o sentido da história. Então não era promover uma dicotomia, uma separação rígida entre natureza e cultura.

Digo ser uma percepção aguda porque na Escola de Ativismo vocês estão preocupados em fazer essa composição para que o sujeito perceba que se ele destruir a cultura ele está destruindo a própria vida. A questão então tem a ver com a educação: a gente nasce e esquece que a gente é animal. A gente é natureza!

Enquanto nascimento, em nosso ser biológico, nós não temos nenhum motivo para praticar arrogância e olhar para uma formiga, para uma minhoca e nos colocarmos em um lugar superior. Talvez as formigas e as minhocas estejam rindo de nós porque elas não pegam COVID. Os animais estão dando gargalhada, “o homem destruiu a natureza, bem feito. Agora está pagando caro, estão pegando um vírus. Bem feito”. Então, imagina os passarinhos rindo da nossa arrogância de nos colocarmos superiores, essa arrogância humana enquanto destruidores da natureza. Estamos destruindo a natureza e destruindo a nós mesmos.

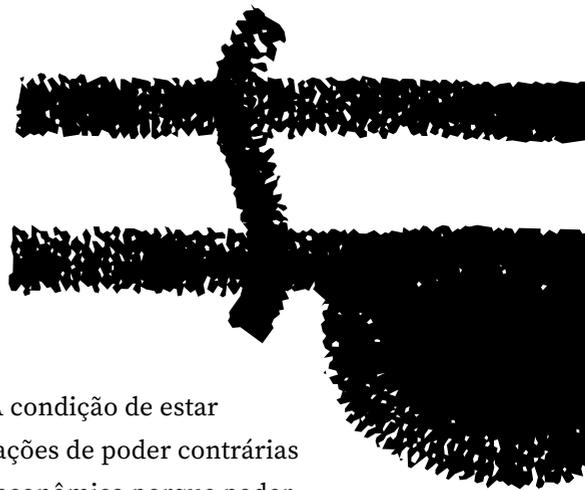
Qual o passo diferente para entrar no tema da cultura? É que a fabricação do humano é artificial, é um artificial como arte, como artefato: arte a ser feita. Então, para a gente se produzir humano há um trabalho artificial. O perigo que tem é quando a gente vai fazer essa obra de arte, a fabricação do humano, e esquece que ser humano depende da natureza a começar pelo ar que a gente respira. O ar que a gente respira é uma economia, é uma relação econômica com a natureza porque ela é uma relação de troca: eu preciso sugar o ar que a natureza me oferece porque sem esse ar, sem a respiração, a vida não seria possível. Por isso podemos afirmar que a sua percepção é muito aguda, porque é essa composição e distinção se fazendo ao mesmo tempo, estão sabendo que educação é arte, mas que a gente não pode esquecer que é natureza.

SILVIO MUNARI

Você estava falando da relação entre oprimido e colonialismo...

ROMUALDO DIAS

Ninguém nasce oprimido. A condição de estar oprimido é resultado de relações de poder contrárias à vida. Tem uma dimensão econômica porque poder e riqueza são resultantes da apropriação do trabalho alheio. Essa violência de apropriação do trabalho não funcionaria se estivesse escancarada, então há



todo um sistema para camuflar, daí a dimensão política que é a dominação. Então, toda a relação de opressão tem também uma dimensão política que é alguém dominando alguém para que essa pessoa não se rebele contra a exploração. Essa é a condição da acumulação da riqueza nas mãos de poucos.

Não sabemos se podemos articular com o sistema colonial porque o sujeito se submete às relações de poder, isso vem desse trabalho do sistema colonial a partir do momento que lá no subsolo da colonização o sujeito cai nessa ilusão de se identificar com o opressor. Ele acha o opressor legal, a vida do opressor é bonita, o que permite dizer para si mesmo: “eu quero ser igual a ele”. Enquanto a gente não romper com isso, não quebrar com isso, a gente não vai partir para uma luta de transformação.

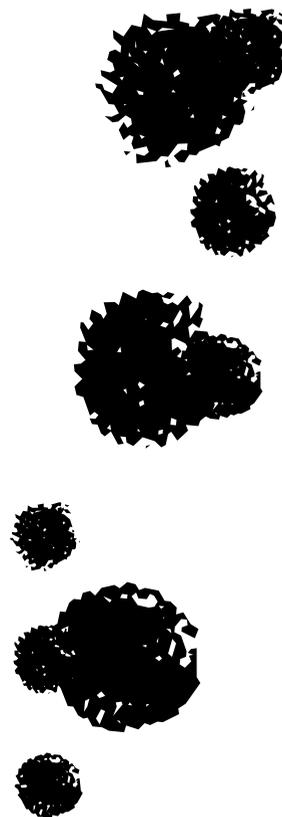
O Paulo Freire diz: “nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade, objetividade e permanente dialeticidade”.

Práxis, ele gostava de usar essa expressão para expressar este esforço permanente de pensar a realidade e agir na realidade. À medida em que pensamos a realidade, o nosso pensamento ganha um grau de entendimento que levamos para a prática e aprimoramos a ação de transformação do mundo. Cada conquista nessa ação, de transformação do mundo nos provoca a produzir um outro saber, isso é um movimento que não tem fim. Quanto mais nós entendemos o mundo mais nós melhoramos as práticas, melhoramos nossos esforços de buscar solução para os problemas... À medida que a gente vai inventando soluções, as novas etapas conquistadas vão criando na gente uma ambição de ampliar outros saberes, outros entendimentos.

Como já dissemos, esse movimento não tem fim. Então não é nem subjetivismo e nem o objetivismo, é dialética, é essa tensão entre compreender e agir, agir compreender: nós fazemos o mundo e o mundo nos faz ao mesmo tempo. E isso dá um movimento.

Queremos lembrar o seguinte: Paulo Freire percebeu essa relação entre fazer e ser feito, entre o entendimento de mundo e ação de transformação do mundo, todo esse movimento, essa intensidade, esse fluxo, ele tá sustentado numa dimensão de crença. Aí é quando o Paulo Freire entra com a reflexão sobre a esperança, sobre a utopia, sobre o sonho, aspectos pouco explorados da obra dele. É muito importante a gente estar atento ao fato de que o capitalismo neoliberal, para matar nossa capacidade de resistência e nossa capacidade de luta, ele opera com a colonização neste território, o chão onde situamos a dimensão do sonho. Ele vai colonizar o terreno onde brota a semente da produção da utopia. Aí mata no sujeito a capacidade de sonhar, mata no ninho a resistência, mata no ninho a inventividade.

É essa a tensão entre o pensar e o fazer. Quanto melhor pensamos, mais nos aprimoramos em nosso fazer; aprimorar o fazer exige de cada um outro pensar. E esse movimento dinâmico está sustentado por um sonho, por uma esperança, que é essa abertura de horizontes para a realização da liberdade.



SILVIO MUNARI

De que forma o pensamento de Paulo Freire pode ajudar a entender como uma figura como o Bolsonaro virou presidente? Num exercício de imaginação, qual poderia ser a leitura de Freire sobre esse momento do país?

ROMUALDO DIAS

O coronel não dorme debaixo do solo. O coronel está lá no subsolo, mas está muito atento. Na hora que aparece uma figura com a qual o coronel pode pegar carona, ele pula nas costas e segue. É uma grande ilusão acreditar que o Bolsonaro ganhou a eleição com *fake news*. Ele ganhou a eleição porque na base de sua campanha estão 500 anos de sistema colonial.

Por isso, fazer trabalho de base pressupõe esse trabalho de arqueologia no subsolo do sistema colonial para dismantlar os dispositivos de mando e expulsar o coronel de dentro de cada um de nós. A explicação da vitória de um tipo feito o Bolsonaro, inclusive a possibilidade de alguma reeleição dependerá do quanto o sistema colonial permaneça intacto. Não adianta a gente sair para rua fazer barulho se o sistema colonial está intacto. Não adianta a gente fazer trabalho de base sem combinar com um trabalho de arqueologia, de escavar lá os 500 anos de colonização para expulsar esse coronel.

Então, uma figura de nazismo e fascismo ganha adesão sabe por quê? Porque o coronel de cada um

se identificou com ele. Então, enquanto a gente não desmantelar esse coronel, as massas iludidas por uma promessa de segurança, de proteção, que é pura ilusão porque é feita na base da mistificação ou da mentira, vem desse coronel que está intacto. Enquanto a gente não fizer esse trabalho de colocar para fora, expulsar o opressor que está dentro de nós, não vai ter mudança.

Cabe uma crítica às políticas de distribuição de renda. Porque não adianta distribuir renda sem fazer um trabalho nesse profundo da cultura. Sem aprofundar no trabalho de arqueologia, de escavação. Escavar o subsolo de 500 anos de colonização. Então, uma figura dessa não só no Brasil, mas na América Latina, pode ganhar uma eleição porque tem um sistema colonial de 500 anos que produziu isso. E mudar 500 anos é um trabalho árduo...

Por isso a minha insistência no trabalho de base, nas experiências ousadas na base, no trabalho criativo. O modo artista de fazer política é trabalhar com arte. Pois é aí onde está o desejo de cada um. É não deixar o capitalismo neoliberal colonizar o nosso desejo. O nosso desejo é a matéria para o sonho, é a matéria para Utopia. Isso tudo está em Paulo Freire.

SILVIO MUNFRI

Já que estamos no contemporâneo, você pode comentar novas formas de colonização?

ROMUALDO DIAS

Nós reforçamos a importância do trabalho de arqueologia, de escavação do subsolo do sistema colonial porque o capitalismo neoliberal agora com essa tirania do mercado, com esse culto ao deus dinheiro (a nova religião), eles estão reatualizando as novas dinâmicas de colonização com aplicação de relações de opressão:

- 1) **a colonização do corpo.** Aqui ocorre a colonização da relação do sujeito com o próprio corpo.
- 2) **a colonização do vínculo.** Aqui ocorre a colonização da relação do sujeito com o outro. Porque é nesse encontro com o outro que pode nascer um projeto de invenção de outro mundo, de um inédito viável.
- 3) **a colonização do sonho.** Aqui ocorre a colonização da relação do sujeito com o mundo.

Essas três colonizações são perigosíssimas porque elas podem matar em nós, lá no ninho, a condição da resistência.

Quando Paulo Freire propõe uma Filosofia de Educação ampla, ele está dizendo que não é uma pedagogia. Na etimologia da palavra, o “*agogós*” (conduzir) e o “*paidós*” (a criança), aquela pessoa que, na Grécia antiga, pegava a criança pela mão e levava-a ao tutor, era um escravo quem fazia isso. Não é uma condução da criança e nem é também uma andragogia no sentido do “*andρός*”, do adulto, do homem, *agogós* – conduzir o homem. A educação do Paulo Freire não se reduz a esses extremos: nem é para infantilizar e nem é para ficar limitada a uma educação de jovens e adultos. Podemos falar de uma “anagogia” O que é uma anagogia?

Vamos lá na etimologia da palavra também. Permanece o *agogós* – do termo “conduzir”, mas o prefixo do grego *ana* – nos remete para um plano de elevação, significa orientar para o alto. É o que propõe Paulo Freire com a vocação ontológica do ser mais: na medida em que o ser humano descobre a sua finitude, ele quer ser mais, ele vai se superar sempre. Uma educação para o alto. É isso que permite Paulo Freire afirmar o cristianismo dele.

Uma educação para a grandeza, para a beleza, toda essa dimensão estética, toda essa dimensão da arte: que a vida pode ser bonita e nós temos que lutar para a vida ser bonita. Toda essa educação para o alto, para uma vida nobre, uma vida satisfatória, é aquilo que nos leva a condição de sermos seres amorosos. Poder estar no mundo numa prática de amor.

SILVIO MUNARI

O Velot trouxe um pouco da cultura punk para esses comentários¹⁸ e que me lembrou um pouco o Augusto Boal naquela prática do tira que está na sua cabeça.

E um comentário da Dila: “eles começam matando os sonhos tirando o tempo de criar, verticalizando as ações, retirando o tempo do diálogo e provocando o isolamento dos sujeitos”.

ROMUALDO DIAS

Perfeito, Dila. Que bonito, que bonito...

18 Velot: “lembrei da letra de uma banda punk que dizia: “mate o policial dentro de você”.

SILVIO MUNARI

Eu queria trazer uma palavra: ALEGRIA.

Na *Pedagogia da autonomia*¹⁹, muito lido por professores e professoras, educadores e educadoras em geral, está escrito assim:

“O meu envolvimento com a prática educativa, jamais deixou de ser feito com alegria. Que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, preocupado com ela enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar. Há uma relação entre alegria, necessária para a atividade educativa, e a esperança. A esperança de que professor e alunos, juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar, nos produzir, e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria”.

Então alegria, esperança, resistência e aprendizagem são coisas que a gente vem cultivando.

ROMUALDO DIAS

Juntando um pouco Paulo Freire com Augusto Boal no *Teatro do oprimido*, é ter coragem de afirmar que a revolução é uma obra de amor e de alegria. Não é nada “espetaculoso”, não é nada grandioso, mas está nas pequenas experiências... À medida que a gente vai experimentando uma vida com mais saúde, uma vida que vai superando esses sofrimentos causados por tanta opressão, a vida vai recuperando o brilho, o corpo vai recuperando o brilho na pele, o brilho nos olhos, a vida vai ganhando um charme. Isso tudo é motivo de alegria.

É a vida que vai ganhando em beleza. E é tão intenso que a gente expressa na alegria. Revolução é alegria e amor junto. Nos pequenos passos.

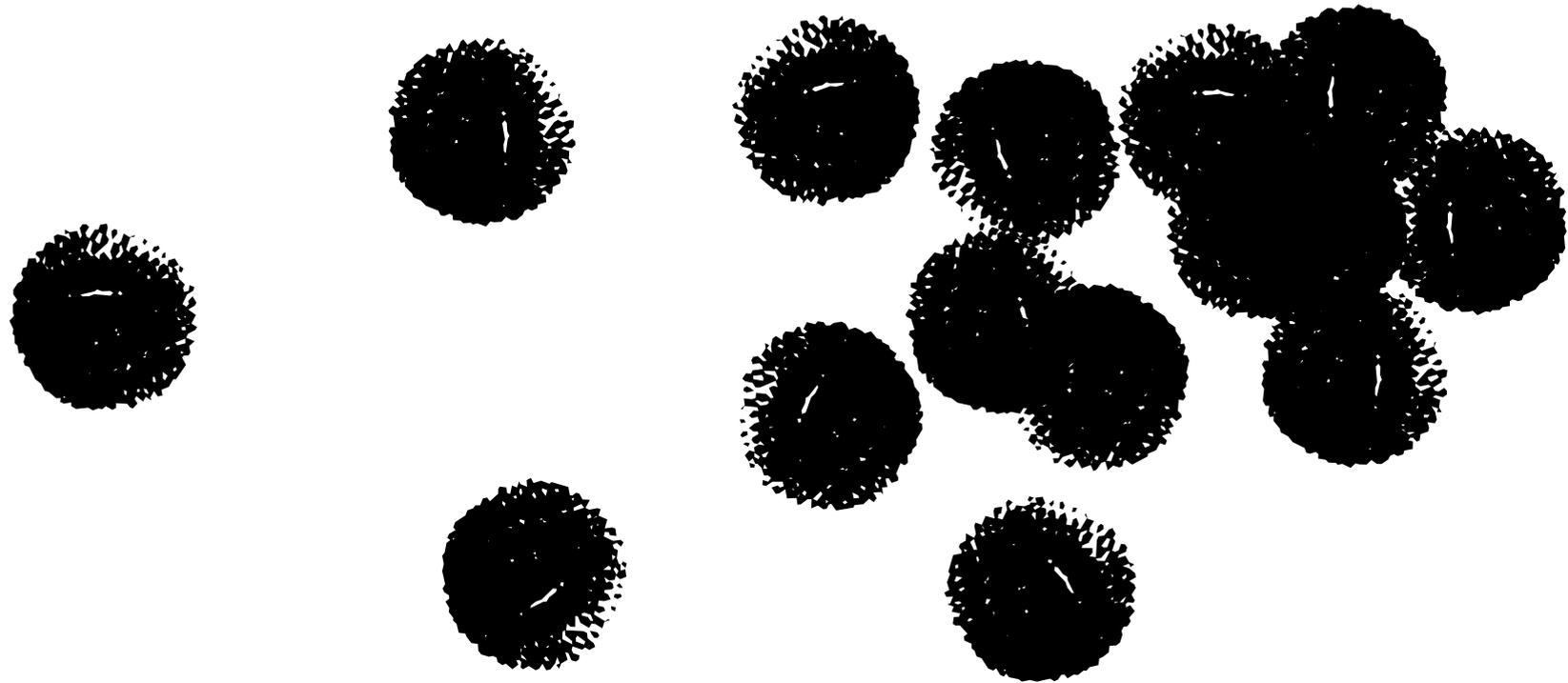
Então, nos nossos trabalhos de base, nas nossas tentativas de

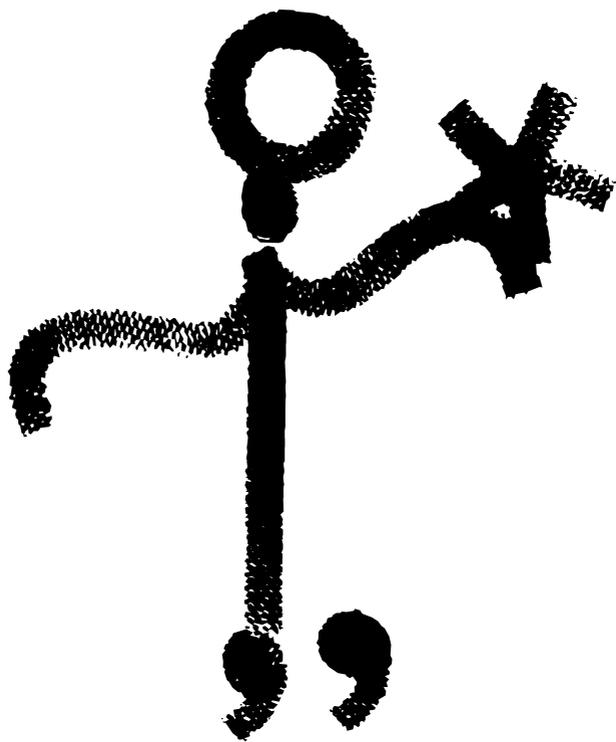
19 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Paz e Terra, 1996.

criar soluções para todo sofrimento que é resultado de relações de poder contrárias à vida, as soluções vão não por decreto, mas com essa descoberta do brilho da vida, da beleza de viver, elas vão ganhando alegria, vão ganhando charme. Por isso que o eixo de toda essa experiência é o desejo.

É o desejo que impulsiona a gente para essa teimosia da vida.

Resistência sempre.







**ESC
OLA
DE A
TIVI
SMO**

.org.br



ISBN 978-65-265-0103-0



9 786526 501030 >